
**À MARGEM DA MARGEM:
LGBTs E A ECONOMIA
NOTURNA DO SAMBA
NAS ZONAS NORTE E OESTE
DO RIO DE JANEIRO***

Diego Santos Vieira de Jesus

Resumo: o objetivo é examinar por que as opções de entretenimento da economia noturna LGBT ou LGBT-friendly cresceram nas Zonas Norte e Oeste da cidade do Rio de Janeiro desde a década de 1990, em particular os eventos nas quadras das escolas de samba e as rodas de samba. O argumento central aponta que essas opções de entretenimento são mais baratas, informais e acessíveis a um público de menor poder aquisitivo, permitindo a geração de renda e emprego e estimulando o consumo após o aumento do poder de compra da população com os programas de inclusão social.

Palavras-chave: *LGBT. Consumo. Economia Noturna. Samba. Rio de Janeiro.*

AT THE MARGIN OF THE MARGIN: LGTBs AND THE NIGHT ECONOMY OF SAMBA IN THE NORTHERN AND WESTERN REGIONS OF RIO DE JANEIRO

Abstract: the purpose of this article is to examine why the entertainment options of the LGBT or LGBT-friendly night economy have been growing in the Northern and Western Zones of the city of Rio de Janeiro since the 1990s, in particular the events at samba square compounds and samba rounds. The central argument points out that these entertainment options are cheaper, more informal and more accessible to the lower income public. They also generate income and employment and stimulated consumption after the increasing of the purchasing power of the population with social inclusion programs.

Keywords: *LGBT. Consumption. Night Economy. Samba. Rio de Janeiro.*

AL MARGEN DEL MARGEN: LGTBs Y LA ECONOMÍA NOCTURNA DEL SAMBA EN LAS ZONAS NORTE Y OESTE DE RÍO DE JANEIRO

Resumen: el objetivo es examinar por qué las opciones de entretenimiento de la economía nocturna LGBT o LGBT-friendly crecieron en las Zonas Norte y Oeste

de la ciudad de Río de Janeiro desde la década de 1990, en particular los eventos en las canchas de las escuelas de samba y las ruedas de samba. El argumento central apunta que estas opciones de entretenimiento son más baratas, informales y accesibles a un público de menor poder adquisitivo, permitiendo la generación de renta y empleo y estimulando el consumo después del aumento del poder adquisitivo de la población con programas de inclusión social.

Palabras clave: *LGBT. El consumo. Economía Nocturna. Samba. Río de Janeiro.*

A distribuição espacial da economia noturna LGBT no Rio de Janeiro revela um processo de marginalização sociocultural. A maior parte dos bares, cafés, restaurantes, boates, cinemas eróticos e clubes de sexo voltados para LGBTs está concentrada nas áreas da cidade mais habitadas e frequentadas por homens cisgêneros, gays, brancos e das classes médias e altas: o Centro e a Zona Sul. Todavia, é possível observar que, em outras regiões da cidade, o modelo dominante de estruturação da economia noturna LGBT não impediu o desenvolvimento de alternativas de lazer e de entretenimento para indivíduos que não se enquadram naquele perfil de consumidor. Nas Zonas Norte e Oeste, uma série de espaços vem sendo gradativamente ocupada por indivíduos LGBTs das próprias regiões e também por um público de outras áreas da cidade e do estado do Rio de Janeiro, bem como por turistas interessados em alternativas de entretenimento noturno. Dentre tais espaços, cabe destacar as quadras de escola de samba e as rodas de samba. Alguns desses espaços são dedicados ao público LGBT ou são receptivos a esse público – *LGBT-friendly* –, mas são também frequentados por heterossexuais.

O objetivo deste artigo é examinar por que as opções de entretenimento da economia noturna LGBT ou *LGBT-friendly* vieram crescendo nas Zonas Norte e Oeste da cidade do Rio de Janeiro desde a década de 1990, em particular os eventos nas quadras das escolas de samba e as rodas de samba. O argumento central aponta que essas opções de entretenimento são mais baratas, informais e acessíveis a um público de menor poder aquisitivo que habita tais regiões, permitindo a geração de renda e emprego nessas áreas e estimulando o consumo após o aumento do poder de compra da população com a implementação de programas de inclusão social. Além disso, mesmo que tais espaços nem sempre sejam específicos do público LGBT, eles permitem maior socialização entre LGBTs que vivem nas Zonas Norte e Oeste e proporcionam maior interação dessas pessoas com frequentadores de outras regiões da cidade e do estado, bem como com os turistas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É possível observar que, ao longo da história, operadores dos poderes regulatórios em grandes cidades ao redor do mundo buscaram suprimir e ocultar padrões não-assimiláveis de sociabilidade (como os de LGBTs) em tentativas de moralização ou higienização do espaço urbano. Porém, os segmentos desqualificados ou estigmatizados como promíscuos ou violentos desenvolveram formas criativas de colaboração e integração que visavam minimizar a vulnerabilidade à qual eram expostos por meio da colonização de locais específicos e do desenvolvimento de instituições próprias (PERLONGHER, 2008, p. 79; RODRIGUES, 2016, p. 90-3). Os espaços ocupados por tais segmentos organizaram-se

de forma a viabilizar desde demonstrações públicas de afeto até o acesso a serviços e facilidades, como bares, restaurantes, boates, moradia e serviços médicos e legais para LGBTs (CARDOSO, MACHADO, 2015, p. 14; NUNAN, JABLONSKI, 2002).

Na contemporaneidade, a incorporação de estratégias pela economia capitalista voltadas para o consumo de homens cisgêneros, gays, brancos e das classes médias e altas – denominada criticamente de “capitalismo rosa” – assimilou protótipos do que é “ser gay”, gerando mercados específicos que atendem às necessidades desses consumidores que, em geral, dispõem de maior renda, mobilidade e oportunidades de emprego que outros LGBTs. Esse consumo viabiliza a socialização entre os consumidores de maior poder aquisitivo a partir de parâmetros que privilegiam seus valores e estilos de vida, mas marginalizam uma série de indivíduos LGBTs que não se enquadram em tais padrões (ESCOFFIER, 1997, p. 123-4). A “economia noturna” – que se refere a atividades associadas a serviços de turismo, lazer e entretenimento desenvolvidos durante a noite – predominantemente seguiu esses padrões de consumo cultural (HAE, 2011; LOVATT, O’CONNOR, 1995). No caso do Rio de Janeiro, a prefeitura, o empresariado e usuários dos serviços da economia noturna LGBT estruturaram essa economia de maneira excludente.

A prefeitura conduziu programas de ordenação, fiscalização e revitalização urbanas em áreas mais valorizadas do Rio de Janeiro, marginalizando as Zonas Norte e Oeste. O empresariado focou no público masculino gay de renda mais alta, orientando seus investimentos para a Zona Sul e o Centro. Enquanto isso, os usuários selecionaram lugares nessas duas regiões urbanas como espaços simbólicos de reconhecimento mútuo, nos quais se sentem mais protegidos e podem exercer mais plenamente sua identidade, face ao medo da rejeição e da LGBTfobia em outras partes da cidade (JESUS, 2017). Todavia, esse modelo dominante de estruturação da economia noturna LGBT veio sendo gradualmente problematizado por opções alternativas de entretenimento e lazer para usuários fora dessas regiões, em particular aquelas baseadas em tradições culturais locais, como o samba.

Algumas das primeiras iniciativas de se pensar o lugar social do samba buscaram colocar os morros da cidade do Rio de Janeiro como lugares nos quais se praticava o “samba autêntico” e as rodas de samba. Essa perspectiva considerava os morros como espaços de criatividade da coletividade e materializações da crítica à utilização de tal gênero musical pela indústria fonográfica, vista como uma ameaça à sua “identidade básica”. O interesse de diversos grupos sociais por esse gênero musical, a mobilidade territorial das experiências culturais no Rio de Janeiro, a formação das escolas de samba e o desenvolvimento do rádio contribuíram para a disseminação do samba por todo o Brasil a partir da década de 1930 (NAPOLITANO; WASSERMAN, 2000, p. 170-2). Posteriormente, o trabalho de especialistas como Sodré (1998) situou o samba como um meio de afirmação de valores culturais negros e de resistência ao modo de produção musical dominante no Rio de Janeiro, no contexto de uma “diáspora africana” presente na cidade nos primeiros anos do século XX. Já autores como Vianna (1995) ressaltam que a colocação do samba como tradição ou resistência cultural seria uma invenção que atendeu a inúmeros interesses políticos e econômicos, inclusive ao projeto do Estado Novo de construção de uma identidade nacional a partir de uma prática cultural que proporcionava encontros e esva-ziava conflitos entre diferentes segmentos sociais no Rio de Janeiro.

No samba e em outros gêneros musicais no Brasil, o tratamento de questões relativas ao universo LGBT foi frequente, apesar da homofobia e outras formas de preconceito estarem disseminadas na sociedade. Mensagens cifradas e a presença de personagens e relatos ambíguos dão-se em sambas, marchas de carnaval, sambas-canção e boleros, como a música “A Galeria do Amor”, interpretada por Agnaldo Timóteo – clara referência à Galeria Alaska, “um lugar de emoções diferentes / Onde gente que é gente se entende / Onde pode se amar livremente” (CARDOSO; MACHADO, 2015). Entretanto, o deboche e a ridicularização de homens e mulheres homossexuais ficam claros em sambas, pagodes e marchas carnavalescas, como “Cabeleira do Zezé”, de 1964, e “Maria Sapatão”, de 1981. Durante o Carnaval, é típico ver homens heterossexuais vestidos de mulheres, imitando gestos femininos ou de homens “afeminados” de maneira jocosa e caricatural, em busca de divertimento a partir da estilização extrema, artificial e exagerada.

Por outro lado, o Carnaval também é um momento em que o monitoramento sobre o comportamento de LGBTs aparentemente é reduzido, o que permitiu que bailes gays e desfiles de fantasias – que contavam predominantemente com a presença de travestis, transgêneros e homens homossexuais – se tornassem territórios mais livres para o exercício das identidades de gênero e das sexualidades (FAOUR, 2006, p. 372; GREEN, 1999, p. 400). As principais escolas de samba do Rio de Janeiro contam com componentes – como passistas e destaques de carros alegóricos – que são gays, lésbicas, transgêneros e travestis, além de profissionais LGBTs que trabalham na realização dos desfiles oficiais dessas agremiações no Sambódromo, tais como carnavalescos, aderecistas, costureiros e coreógrafos. Algumas escolas de samba como a Mocidade Independente, a Salgueiro e a Unidos da Tijuca contam, inclusive, com alas específicas para LGBTs em seus desfiles. Em 2010, foi criado no Sambódromo do Rio de Janeiro o Camarote Candybox, o primeiro camarote LGBT para o desfile das escolas de samba.

Mais do que simplesmente uma celebração de liberdade, o Carnaval mostra-se como um espaço caracterizado por tensões entre aceitação e recusa, conflito e incorporação. Se, por um lado, a ocasião traz oportunidades para que LGBTs façam amizades que compartilhem suas preferências estéticas e encontrem parceiros amorosos e sexuais, por outro, também são comuns as ofensas, as agressões e as diversas formas de violência baseadas em preconceitos por identidade de gênero ou orientação sexual. Nesse contexto, os LGBTs buscaram criar, dentro do Carnaval, espaços de convivência com seus pares, em geral, a partir da mobilização do humor e da irreverência como estratégias de sobrevivência, conquistando maior visibilidade na ocasião da festa (CORRÊA, 2009, p. 68-70). Porém, as quadras dessas escolas e as rodas de samba permitiram alargar esses espaços de convivência para além do período do Carnaval, com atividades culturais desenvolvidas ao longo de todo o ano. Os locais dessas atividades – mormente localizadas nas Zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro – permitiram a geração de renda e emprego, além de alimentarem o consumo de opções de entretenimento mais baratas, informais e acessíveis para um público de um poder aquisitivo menor, como se verá adiante.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

No que diz respeito à coleta de dados, foram realizadas, além da pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas com 20 indivíduos LGBTs moradores do Rio de Janeiro – 10 gays, seis lésbicas, um homem bissexual, uma mulher bissexual, uma mulher transgênero e uma travesti. Os entrevistados foram selecionados pelo método de *snowball sampling*, que considerou se os participantes frequentam ou já frequentaram ensaios e eventos em quadras de escolas de samba e rodas de samba nas Zonas Norte e/ou Oeste. O objetivo foi identificar seu perfil de consumo e suas percepções acerca das formas de entretenimento noturno ligadas ao samba. Desse grupo, cinco gays e três lésbicas moravam na Zona Sul, enquanto os demais moravam nas Zonas Norte ou Oeste.

No que diz respeito à análise dos dados, foi aplicado o método qualitativo, que, segundo Charles Ragin (1994, p. 81-102), viabiliza a investigação em profundidade de fenômenos significativos histórica e culturalmente ao ressaltar detalhes e especificidades. Em relação à estratégia de pesquisa qualitativa, foi realizado um estudo de caso, que, de acordo com Andrew Bennett (2004, p.19-21), permite a análise interna de situações específicas e aspectos bem-definidos do acontecimento histórico selecionado para investigação. A aplicação da técnica de rastreamento de processo (*process tracing*) buscou examinar a dinâmica histórica do processo de concentração das opções de entretenimento e lazer noturnos LGBT no Centro e na Zona Sul do Rio de Janeiro. A seguir, será mapeada a distribuição da economia noturna LGBT e LGBT-*friendly* nas Zonas Norte e Oeste. Por fim, será analisado o desenvolvimento de eventos e ensaios em quadras de escolas e rodas de samba nessas duas regiões como alternativas ao modelo dominante de estruturação da economia noturna LGBT e LGBT-*friendly* no município.

A CONCENTRAÇÃO DA ECONOMIA NOTURNA LGBT CARIOCA NO CENTRO E NA ZONA SUL: CONTEXTO HISTÓRICO

No século XIX, o tratamento depreciativo conferido a homossexuais no Brasil – em especial a homens homossexuais – guardava semelhanças com aquele recebido em Estados norte-atlânticos, que concebiam essas pessoas como “doentes” que necessitavam de tratamento ou afastamento das relações sociais. Em termos legais, por exemplo, o Código Penal brasileiro de 1890 previa punições para comportamentos tidos como “indecentes” ou “libidinosos” (TREVISAN, 2000, p. 37-8). Apesar da vigilância do Estado, muitos indivíduos em busca de relações afetivas, eróticas e sexuais com pessoas do mesmo sexo conquistavam espaços nos principais centros urbanos brasileiros. A presença crescente de homossexuais no Rio de Janeiro na década de 1840 – em especial caixeiros de origem portuguesa – levou à importação de prostitutas europeias, na tentativa de minimizar a realização de práticas homoeróticas. Algumas freguesias que concentravam negros libertos eram espaços de socialização e de busca dessas práticas. Ao longo do século XIX, locais para o encontro homossexual como hospedarias eram frequentados por homens de todas as classes sociais em busca de maior privacidade.

Na procura por práticas eróticas e sexuais com outros homens, homossexuais de classes mais altas frequentavam teatros, restaurantes e casas de banho. Alguns espaços

públicos da cidade contavam com locais reservados ou discretos para encontros, como a Praça XV, o Campo de Santana, o Passeio Público e a Praça Tiradentes. Já no século XX, algumas casas noturnas voltadas para o público homossexual começaram a ser criadas ao longo da década de 1930, bem como cabarés. Um dos mais famosos, o Cabaré Casanova, localizava-se na Lapa e foi espaço de realização de espetáculos de travestis e artistas homossexuais (RODRIGUES, 2016, p. 94-7).

Desde a década de 1950, áreas do Centro – como a Cinelândia – e da Zona Sul da cidade – em especial trechos das praias de Copacabana e Ipanema e da Avenida Nossa Senhora de Copacabana – já serviam de ponto de encontro entre homens para encontros eróticos e sexuais com outros homens. Entretanto, regiões como a Lapa, no Centro, foram alvos de projetos de intervenção urbana que pretendiam eliminar redutos de boemia e retirar desses locais elementos “indesejáveis”, como travestis e profissionais do sexo. Com o fechamento dos cassinos, Copacabana tornou-se centro de efervescência da vida noturna e inúmeros pontos de prostituição – inclusive masculina – começaram a se desenvolver no bairro (CARDOSO, MACHADO, 2015, p. 2; GREEN, 1999, p. 255).

Novos espaços comerciais que traziam opções para o entretenimento homossexual – embora nem sempre destinados especificamente para esse público – eram construídos na Zona Sul, como as boates Oásis, no Leblon, e Alcatraz, em Copacabana. Alguns desses espaços traziam espetáculos com travestis e transformistas. Com a ampliação da censura após o início da ditadura militar em 1964, muitos desses profissionais buscaram carreiras internacionais, sendo que grande parte via na prostituição em cidades europeias uma forma de ampliar sua renda. Outros espaços de socialização incluíam residências próprias ou alugadas para festas específicas para homens que almejavam maior privacidade, bem como clubes, programas de auditório que eram gravados na cidade e concursos oficiais de fantasias e misses. A partir da década de 1970, novas áreas foram utilizadas para a socialização entre homens em busca de sexo com outros, como o Aterro do Flamengo e os banheiros públicos da Estação Ferroviária Central do Brasil (RODRIGUES, 2016, p. 93-8, 105-8).

Em outras cidades do mundo, um mercado voltado para homens gays nascia na década de 1970, acompanhando o crescimento dos movimentos sociais pelos direitos dos cidadãos homossexuais – em particular após a rebelião de *Stonewall Inn* em 1969 – e a melhoria da infraestrutura de serviços com o processo de urbanização. O Brasil passava pelos primeiros anos da ditadura militar e a resistência política em defesa dos direitos dos homossexuais andou lado a lado com o movimento feminista e com a luta contra a repressão política na sociedade brasileira, em particular na imprensa alternativa. Porém, se por um lado o governo militar reprimia o caráter “imoral” de inúmeras produções artísticas e intelectuais por serem desafios diretos à política do regime, os territórios sociais de bares, saunas e boates não representavam ameaças diretas ao decoro público, uma vez que permaneciam em espaços fechados, restritos ou semiclandestinos. Ademais, alguns empresários vislumbraram a possibilidade de tirar proveito da relativa permissividade à sociabilidade homossexual para oferecerem opções a consumidores gays das classes média e alta, com maior renda disponível após o “milagre econômico”. No Rio de Janeiro, empresários inauguravam bares, clubes e saunas em bairros valorizados da cidade, como

Ipanema e Leblon (GREEN, 1999, p. 399-402, 423). Em Ipanema, o trecho da praia em frente à rua Farne de Amoedo começou a ser frequentado por jovens homossexuais de classes média e alta, que configuraram ali um dos principais *points* gays da cidade (NUNAN; JABLONSKI, 2002).

Na década de 1980, um mercado voltado para homens homossexuais começou a ganhar maior fôlego com a reconfiguração do movimento ativista gay no Brasil. Com maior liberdade política para a expressão e o consumo, um grande número de bares e boates orientados para o público homossexual foi aberto nas maiores cidades brasileiras, enquanto outros previamente existentes ganhavam uma visibilidade ainda maior (PEREIRA; AYROSA, 2012, p. 217-8). Ao mesmo tempo, a maior institucionalização do circuito comercial acompanhou o aumento da repressão policial no espaço urbano e a maior violência com o agravamento da crise econômica, que conduziu ao aumento do número de assaltos e à mendicância. Tais fatores levaram ao desmantelamento de inúmeras redes de sexo anônimo e clandestino entre homens, que agora buscavam maior proteção em espaços fechados e seguros (TERTO JR., 2002). O anonimato de contatos homoeróticos e atividades homossexuais que ainda predominava no Centro do Rio de Janeiro contrastava com a maior visibilidade da vida LGBT na Zona Sul, em particular em Copacabana, como no trecho da praia próximo ao Hotel Copacabana Palace – conhecido como “Bolsa de Valores” – e na Galeria Alaska, que abrigou boates, salas de cinema e um teatro e, na década de 1980 e início de 1990, teve como uma das suas principais atrações o espetáculo “A Noite dos Leopardos”, com a participação de homens strippers em coreografias sensuais (CARDOSO, MACHADO, 2015, p. 3-5; NUNAN, JABLONSKI, 2002). A disseminação do HIV e da AIDS conduziu a novas formas de organização social por parte de indivíduos LGBT, que trouxeram maior visibilidade às discussões relacionadas à orientação sexual e à identidade de gênero na sociedade brasileira, ainda que a LGBTfobia – manifesta de múltiplas formas, inclusive com a violência física – permanecesse viva na sociedade.

A partir da década de 1990, é possível observar que novos serviços orientados para LGBTs foram desenvolvidos, como pacotes turísticos voltados para esse público nas principais cidades brasileiras e a realização de festas e festivais de música eletrônica (PEREIRA; AYROSA, 2012, p.215-8). Mais recentemente, o reforço da concentração de opções de entretenimento noturno LGBT ou LGBT-*friendly* no Centro e na Zona Sul pode ser explicada, inicialmente, pela ação governamental na revitalização dessas regiões– como a Zona Portuária, no Centro, onde funciona uma das mais famosas boates gays da cidade, a The Week – e na oferta de segurança, trazendo melhores condições para que consumidores frequentassem tais localidades. As ações do poder público no Centro e na Zona Sul tornaram-se possíveis por conta da colaboração de empresários no planejamento e na realização de empreendimentos e projetos culturais voltados para as necessidades de homens gays de maior poder aquisitivo (GÓIS, 2015, p. 12-15). Esses homens escolhem locais para aproveitar a vida noturna a partir da identificação de zonas de reconhecimento mútuo nas quais podem exercer suas identidades de maneira mais livre e segura (BARRETO, 2010, p. 15-9).

Eventos como a Parada do Orgulho LGBTI-Rio – realizada em Copacabana – movimentam setores da economia noturna. Entretanto, chama a atenção o fato de que o

perfil de consumidor que o mercado procura atender ainda aparece ligado a homens cis-gêneros, gays, brancos e das classes médias e altas¹ (DÍAZ-BENÍTEZ, 2007, p. 135). Para consumidores com esse perfil, bares ou boates são descritos como extensões de suas subjetividades, o que faz com que se sintam seguros nesses ambientes e possam socializar com pessoas semelhantes a partir da assimilação de padrões estéticos específicos – em particular com relação à reconstrução e manipulação corporal em busca de um padrão atlético – e do consumo de novos produtos, como cosméticos e roupas que valorizam suas formas físicas (PEREIRA, AYROSA, 2012, p. 213, 221-3; TIRELLI, 2011, p. 88-90). Em vez de criarem espaços de identificação entre pessoas que compartilham experiências de marginalidade e se transcenderem as diferenças sociais, econômicas, culturais ou raciais (GREEN, 1999; NUNAN, JABLONSKI, 2002), os preconceitos baseados em uma série de hierarquias sociais prevalecem dentro do próprio grupo de indivíduos LGBT, estigmatizando aqueles que não se enquadram nos padrões de consumo, como os negros e os pobres (FRY; MACRAE, 1983).

A ECONOMIA NOTURNA LGBT E LGBT-FRIENDLY NAS ZONAS NORTE E OESTE

A socialização entre LGBTs nas Zonas Norte e Oeste mostrou-se ativa nos poucos pontos voltados para esse público – em especial bares e boates – e em locais para contatos homoeróticos e encontros sexuais. Os bairros dessas duas regiões contam com poucos estabelecimentos LGBT ou LGBT-*friendly*, como bares, cafés e restaurantes. A maior parte deles – com destaque para o Up Turn Bar – fica concentrada na Barra da Tijuca, um dos bairros da Zona Oeste que mais cresceu com a especulação imobiliária no Rio de Janeiro e que conta com a maior renda per capita da região. Muitos LGBTs de renda alta, inclusive, foram morar nesse bairro por conta da grande extensão de praias e disponibilidade de estabelecimentos comerciais, como shopping centers com produtos e serviços voltados para suas necessidades específicas. Na Barra da Tijuca, localizava-se também uma das primeiras boates LGBT na cidade, a Gaivota, que reabriu suas portas no início da década de 2010, mas não resistiu e fechou depois de 30 anos de funcionamento. Alguns bares e boates voltados para LGBTs nos bairros da Tijuca, Engenho de Dentro e Madureira, na Zona Norte, também encerraram suas atividades em razão do baixos retorno financeiro, de disputas judiciais e da especulação imobiliária.

Em 2016, a Zona Oeste contava com poucas boates voltadas para o público LGBT, conhecidas por grande parte desse público. Uma delas, a Boate 1140, localizada na Praça Seca, contava com uma programação que abarcava funk, pagode e música pop; shows de *drag queens* e apresentações com voz e violão. Em Bangu, a Boite Casa Grande era conhecida pela maior frequência de travestis e transgêneros (OBAOBA, 2016). Esses locais e outros estabelecimentos do gênero, como a boate Papa G, no bairro Madureira, na Zona Norte, foram estereotipados como “inferninho”, “lugar de gente pobre”, “monte de gente feia” ou “espaço de bicha pão-com-ovo” por alguns entrevistados que eram moradores da Zona Sul. Como aponta Felipe Martins (2014), a programação da boate Papa G contempla música eletrônica, funk e música ao vivo. Do lado de fora da boate, muitos

gays, lésbicas, travestis e transgêneros moradores das Zonas Norte e Oeste e da Baixada Fluminense permanecem ao longo das noites em frente ao Bar do Zé – em especial nas “Quartas Gay de Madureira” – conversando, dançando os funks “proibições” – que contam com referências a atos sexuais e atividades criminosas – e interagindo em um *point* gay mais descontraído e informal. Grande parte dos frequentadores diz se sentir mais à vontade por não haver tanta cobrança em relação a corpos perfeitos e roupas de marca. Muitos vendedores ambulantes atuam próximos à boate vendendo churrasquinho e bebidas alcóolicas por preços quase cinco vezes menores que os cobrados em *points* gays da Zona Sul. O *point* formou-se em face da repreensão de comerciantes do Madureira Shopping ao encontro de jovens LGBT no estabelecimento, o que os fez buscar outro local na região para os encontros (MARTINS, 2014).

No que diz respeito a espaços comerciais específicos para contatos homoeróticos e encontros sexuais durante a noite, é nítida a escassez de saunas gays em bairros das Zonas Norte e Oeste, que contam com estruturas precárias comparadas às da Zona Sul. Isso fica visível nos três estabelecimentos do gênero existentes nas duas regiões: as Termas Casa Grande, em Bangu; a Sauna Bonsucesso, no bairro de mesmo nome; e a Kabalk Sauna, no Maracanã (RIO GUIA GAY, 2015, p. 11-4). Como essas saunas são consideradas caras por grande parte dos moradores do entorno, os contatos e encontros sexuais acabam acontecendo com maior frequência em praias afastadas das regiões mais movimentadas da cidade na Zona Oeste – como as Praias da Reserva e de Abriçó, esta última dedicada ao nudismo – e banheiros de estações de transporte coletivo, universidades, hipermercados, academias de ginástica, estabelecimentos comerciais e *shopping centers*. Alguns entrevistados relataram a realização de contatos homoeróticos e até mesmo atividades sexuais – em especial entre homens – desde meados da década de 1950 até a década de 1980, em cinemas de rua nos bairros da Tijuca, Meier e Madureira. Conforme Green (1999, p. 401), os cinemas constituíam-se como espaços para contatos homoeróticos e encontros sexuais anônimos entre homens de diversas classes sociais, enquanto proprietários, administradores e empregados ignoravam essas atividades em razão do lucro trazido pela clientela. O fechamento desses cinemas deslocou os espaços de “pegação” para os *shopping centers* e novos estabelecimentos comerciais. Outros espaços eram vestiários e saunas de clubes sociais e desportivos e academias, bem como igrejas (fora dos horários de eventos religiosos) e áreas reservadas em praças e parques públicos no fim da tarde e à noite.

Ainda que a maior parte da economia noturna LGBT e LGBT-*friendly* continue concentrada no Centro e na Zona Sul da cidade, a disponibilização de formas de entretenimento nas Zonas Norte e Oeste – em especial os eventos nas quadras de escolas de samba e rodas de samba, examinados na seção seguinte – ganhou fôlego a partir da década de 1990 com duas transformações importantes que tiveram impacto na cidade. A primeira foi a implementação de programas de urbanismo que destacaram particularidades culturais e comerciais dos bairros cariocas e procuraram promover novos investimentos nos subúrbios, a exemplo do programa Rio Cidade, iniciado pelo prefeito Cesar Maia em seu primeiro mandato (1993-1996) e finalizado na gestão do sucessor Luiz Paulo Conde (1997-2000). Empresários de setores da economia criativa noturna desenvolveram espaços para a melhor acomodação de clientes e pontos comerciais (GÓIS, 2015, p. 12-5; SANTOS, 2011, p. 262-3).

A segunda transformação foi o desenvolvimento de programas sociais pelos governos federal, estadual e municipal que contribuíram para o aumento da renda da população mais pobre e, no que diz respeito aos cidadãos LGBT, visavam a ampliação de sua segurança e o reconhecimento de sua cidadania. O crescimento dos ganhos das camadas mais pobres nas Zonas Norte e Oeste da cidade permitiu a redução da pobreza extrema e disponibilizou ainda mais recursos para o consumo. Nesse contexto, incluem-se os indivíduos LGBT mais jovens, que puderam conquistar melhores oportunidades no mercado de trabalho e assim obter mais acesso ao entretenimento e ao lazer. Mesmo quando não foram beneficiários diretos desses programas, jovens LGBT tiveram suas famílias assistidas, o que ampliou a renda disponível para seu próprio consumo.

Em nível federal, desde o fim do governo de Fernando Henrique Cardoso e o início da administração de Luiz Inácio Lula da Silva, programas sociais como o Bolsa Família contribuíram para a redução da pobreza a partir da transferência de renda, combinada a um cenário de crescimento econômico nacional e da melhora da taxa de ocupação e da renda no trabalho (ALMEIDA, 2010). Em nível estadual, o Plano de Superação da Pobreza Extrema do Estado do Rio de Janeiro “Rio Sem Miséria” estimulou a conclusão do Ensino Médio de jovens em situação de pobreza extrema e contou com um programa de gestão para promover a inclusão desses jovens no mercado de trabalho por meio de parcerias (GOVERNO DO RIO DE JANEIRO, [2016?]). No que diz respeito especificamente à inclusão LGBT, o Programa Rio sem Homofobia visa combater a LGBTfobia e promover a cidadania LGBT no Estado (RIO SEM HOMOFOBIA, [2016?]). Já a prefeitura da cidade conta com um leque de mais de 100 programas de inclusão social, em especial para a população mais vulnerável. Inúmeras dessas iniciativas impactam direta ou indiretamente a vida de LGBTs da cidade, seja em nível da maior garantia de segurança, do reconhecimento de sua cidadania e da geração de renda e trabalho (IPP, [2016?]). A cidade foi uma das primeiras do Brasil a contar com uma lei que assegura que nenhum estabelecimento comercial ou repartição pública pode discriminar pessoas por sua orientação sexual ou identidade de gênero, sendo também a primeira a ter uma Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual (CEDS) para a proteção dos cidadãos LGBT. Um pacote de ações contra a LGBTfobia lançado pela prefeitura em 2011 previa a capacitação de funcionários de estabelecimentos comerciais acerca dos direitos LGBTs (LAURIANO, 2011). Ainda que muitos desconheçam essas iniciativas e perpetradores de violência contra LGBTs tenham a sensação de impunidade pelos atos cometidos, essas políticas ampliaram a proteção dos cidadãos LGBTs e a segurança para que pudessem frequentar e consumir em diversas partes da cidade, inclusive nas Zonas Norte e Oeste.

LGBTs NAS QUADRAS E RODAS DE SAMBA DAS ZONAS NORTE E OESTE

Muitos espaços de socialização LGBT durante o Carnaval foram primordialmente abertos no Centro e na Zona Sul do Rio de Janeiro, não sendo, muitas vezes, frequentados exclusivamente por LGBTs. A Banda de Ipanema abre os festejos do Carnaval na cidade e conta com grande participação de gays, lésbicas, *drag queens* e travestis. Os blocos que passam pelas ruas da Zona Sul, como o Toco-Xona, contam com lésbicas que desfilam

pelo bairro de Botafogo. Outros blocos de Carnaval, como a Banda das Quengas e o Bloco da Preta – liderado pela cantora Preta Gil, filha do cantor Gilberto Gil –, atraem inúmeros LGBTs para as ruas centrais da cidade. No Centro, também merecem destaque o Viemos do Egipto, na Cinelândia, e o Bunyotos de Corpo, na Praça Tiradentes. Os desfiles de fantasias luxuosas e os bailes gays de Carnaval – sendo o extinto Scala Gala Gay, que ocorria no Leblon, na Zona Sul, um dos mais conhecidos – são espaços nos quais gays, travestis e transgêneros se divertem. Um dos mais populares bailes entre as décadas de 1960 e 1980 foi o Baile dos Enxutos, no Centro e em Copacabana, que contava com a participação de inúmeras travestis nos concursos de fantasias. Hoje, algumas boates da Zona Sul organizam bailes gays nas noites de Carnaval, além de festas com música eletrônica e go-go boys. No Centro, a Gafeira Elite promove bailes gays num salão de samba. Outras festas também ocorrem na Lapa e na Glória. Entretanto, há blocos fora do eixo Centro-Zona Sul que se mostram receptivos a LGBTs, nos bairros da Tijuca, Vila Isabel, Engenho de Dentro, Del Castilho, Meier, Madureira, Vila da Penha e Irajá, na Zona Norte, e Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Padre Miguel e Realengo, na Zona Oeste (CARNIVAL SERVICE, [2011?]).

As quadras das escolas e as rodas de samba – a maior parte delas localizadas nas Zonas Norte e Oeste – oferecem a LGBTs opções de entretenimento variadas bem antes do início do Carnaval, especialmente à noite. Os ensaios das escolas dos grupos A, B e Especial do Carnaval carioca que acontecem no Sambódromo começam a partir de setembro. Os ensaios que ocorrem nas quadras das escolas trazem pessoas das próprias comunidades e também turistas. Além de contarem com o entretenimento proporcionado pelos sambistas e pelos ritmistas, as quadras também se configuram como locais de busca de parceiros afetivos e sexuais, inclusive para LGBTs. Além dos eventos nas quadras e dos ensaios técnicos na Avenida Marquês de Sapucaí – onde acontece o desfile oficial –, algumas escolas realizam ensaios técnicos nas ruas da cidade, criando novos espaços de interação entre moradores da cidade e turistas (SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA, [2016?]).

Na Zona Oeste, a quadra da Mocidade Independente, em Padre Miguel, é frequentada predominantemente pela população local, inclusive LGBTs. Na Zona Norte, o bairro de Madureira tem destaque, pois, além de ser conhecido como o “berço do samba” carioca, conta com a sede de duas das mais tradicionais escolas de samba do Rio de Janeiro: o Império Serrano e a Portela, que realizam ensaios com bateria, passistas e mestre-sala e porta-bandeira em suas quadras. As entradas têm preços acessíveis para a população de menor poder aquisitivo e, com os ensaios, é gerada renda para profissionais do Carnaval, vendedores de bebidas – em geral comercializadas a um preço menor do que nas áreas mais ricas da cidade – e seguranças. LGBTs que frequentam os ensaios, em geral, vão atraídos pela tradição dessas escolas. Outros ensaios em quadras na Zona Norte – como os da Mangueira e do Salgueiro – atraem essas pessoas não só pelo samba, mas pela maior possibilidade de contatos afetivos e relações ocasionais com pessoas do mesmo sexo das próprias comunidades e frequentadores de outras regiões da cidade e do estado. Os eventos e os ensaios na primeira quadra, no bairro da Mangueira, são bastante frequentados por turistas brasileiros e estrangeiros – inclusive LGBTs – que buscam não apenas apreciar as evolu-

ções de passistas e o som da bateria, mas também desenvolver interações afetivas e sexuais. A quadra do Salgueiro, na Tijuca, dispõe de maior conforto, com ar condicionado potente e banheiros bem cuidados, o que atende às demandas de um público mais exigente. Essa maior exigência também recai sobre a questão da segurança. A quadra da Imperatriz Leopoldinense, em Ramos, também na Zona Norte, tornou-se mais atraente aos frequentadores LGBT após a ocupação do Complexo do Alemão, onde a quadra fica localizada, pela Polícia e pelas Forças Armadas em 2010. Situada nessa mesma região da cidade está a quadra da Vila Isabel, que sendo espaçosa e de fácil acesso, recebe, além de exibições da bateria, uma série de shows de MPB que reúnem gays, lésbicas e transgêneros, principalmente moradores da Zona Norte. Entretanto, a quadra da Unidos da Tijuca, na Leopoldina, região da Zona Norte, é a mais frequentada por LGBTs de todas as partes da cidade e também turistas. Ela conta não só com shows da bateria no salão principal, mas também com a apresentação de DJs nas áreas ao ar livre e um banheiro LGBT que, na visão de alguns de seus frequentadores, deixaria gays e travestis mais à vontade – algo contestado por ativistas, que percebem a iniciativa como uma forma de discriminação (GRELLET; MORATELLI, 2011).

As lideranças de grande parte das escolas de samba cariocas entenderam a necessidade de atender as demandas dos frequentadores LGBTs em eventos e ensaios em suas quadras, tendo em vista seu potencial de consumo. Ainda que as quadras de escolas como a Vila Isabel e a Unidos da Tijuca sejam frequentadas por muitos homens gays, cisgêneros, brancos e de classes médias e altas, grande parte dos frequentadores das quadras das Zonas Norte e Oeste não se enquadra nesse perfil e opta pelo entretenimento e pela socialização com seus pares em ambientes mais informais e descontraídos, em que haja uma cobrança menor em relação aos padrões de estética e de consumo dominantes na estruturação da economia noturna LGBT carioca. A alternativa a esses padrões pode também ser vista nas rodas de samba LGBT, que vêm se tornando populares em toda a cidade. Em particular na Zona Norte, elas ganharam maior notoriedade e reconhecimento como opções de entretenimento noturno, a exemplo da Roda de Samba “Se Joga”, em Madureira. Ela acontece também durante o dia e reúne lésbicas, gays e transgêneros, que realizam o encontro para interagir e desenvolver contatos homoafetivos e homoeróticos. A maior parte das rodas de samba na Zona Norte não é voltada especificamente para o público LGBT, mas conta com grande presença dessas pessoas, como a Roda de Samba do Cacique de Ramos, em Ramos; o Batuque do Zé, na Mangueira; o Pagode da Tia Doca, em Madureira; o Samba do Trabalhador no Clube Renascença, no Andaraí; o Pagode do Batuta, na Vila Isabel; o Pagode do Biro, na Tijuca; a Roda de Samba do Caçador, em Marechal Hermes; e a Blacksambaterapia, em Bento Ribeiro. A Zona Oeste também conta com inúmeras rodas de samba frequentadas por LGBTs, como o Terreiro de Crioulo, em Realengo; o Samba de Sambista, em Jacarepaguá; o Samba da Cabeça Branca, em Bangu; e o Quinta Pode, em Vila Valqueire (GUIA DA BOA, 2016).

A maior parte dessas rodas começa na parte da noite e atravessa a madrugada. Elas em geral ocorrem em bares, botequins, boates, clubes esportivos, associações atléticas, salões de festas, casas de show, centros culturais ou mesmo sob lonas instaladas em quintais, calçadas e ruas dos bairros dessas regiões. Algumas ocorrem inclusive nas quadras das escolas de samba (ALVES, 2015). Grande parte conta com DJs que também tocam

outros ritmos, como sertanejo e funk – muitas vezes, os eventos são chamados de “pago-funk”. Os ambientes são, em geral, bem acolhedores e marcados por grande informalidade. Em 2016, o valor médio das entradas variava de 10 a 30 reais, o que viabilizava a presença de LGBTs de renda mais baixa. Bebidas são vendidas a preços reduzidos em comparação com as demais regiões da cidade, e, em geral, comidas típicas brasileiras como a feijoada são atrativos para que mais frequentadores participem das rodas de samba. Elas ajudam a movimentar as economias locais e gerar renda para os envolvidos em sua produção e realização, desde os músicos até os guardadores de veículos nas imediações. Alguns indivíduos LGBT entrevistados na pesquisa disseram não se sentirem totalmente à vontade para sambar ou desenvolver contatos afetivos ou sexuais em algumas rodas de samba predominantemente frequentadas por heterossexuais. “A gente vem curtir a música, mas sambar do jeito que eu gosto ou pegar homem aqui... Nem pensar !”, disse uma travesti frequentador da Roda de Samba do Cacique de Ramos. Todos os entrevistados alegaram que organizadores dessas rodas jamais se mostraram hostis à participação de LGBTs. Entretanto, houve relatos de comentários homofóbicos feitas por frequentadores ao verem grupos de homens homossexuais nas rodas, bem como piadas feitas pelos próprios músicos durante as apresentações. Muitos entrevistados disseram não se importar com atos de LGBTfobia, pois “essas pessoas não são a maioria”, segundo um homem gay entrevistado, frequentador de rodas de samba em Realengo e Bangu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os eventos e ensaios em quadras das escolas e as rodas de samba em bairros das Zonas Norte e Oeste vieram despontando como alternativas ao modelo dominante de estruturação da economia noturna LGBT e LGBT-*friendly* no Rio de Janeiro, ainda concentrado no Centro e na Zona Sul da cidade e voltado predominantemente para o atendimento das demandas de consumidores cisgêneros, gays, brancos e de classes média e alta. Entretanto, é importante ressaltar que esses espaços não são os únicos a trazer opções mais baratas, informais e acessíveis de entretenimento, gerar renda e emprego nas Zonas Norte e Oeste e viabilizar maior socialização entre LGBTs. Os bailes funk realizados nessas regiões também contam com um grande público LGBT, ainda que o machismo e a LGBTfobia estejam presentes nas obras de inúmeros artistas desse gênero musical. Embora o funk ocupe um papel fundamental na construção das identidades de jovens das periferias da cidade e das favelas – como o samba foi e continua sendo em inúmeras comunidades –, iniciativas de criminalização da pobreza materializam-se na perseguição da polícia à expressão cultural desses jovens e no estímulo a preconceitos pela mídia (FACINA, 2009). Por conta da maior estigmatização dessas expressões culturais, o samba – que, no passado, sofreu processo semelhante de depreciação pelas elites culturais – acabou permitindo mais espaços para o desenvolvimento de uma economia noturna que atendesse especialmente às demandas de cidadãos de renda mais baixa, inclusive os LGBTs.

Entretanto, inúmeros empreendimentos LGBTs funcionam por pouco tempo e por muitas vezes não reconhecerem as necessidades específicas de cada segmento desse público, que são por vezes mal exploradas e mal atendidas (TIRELLI, 2011, p. 92-3). Para

que as demandas específicas dos LGBTs em termos de entretenimento noturno nas Zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro fossem melhor atendidas, seria importante a ampliação do foco das ações políticas e empresariais para além das necessidades específicas de homens brancos, gays, cisgêneros e de classes média e alta e, assim, o maior entendimento das especificidades de cada segmento. O poder público poderia criar melhores bases para empreendimentos diversificados a partir da intensificação das ações de reurbanização e revitalização, bem como garantir maior segurança a tais cidadãos para a criação e a manutenção de zonas urbanas alternativas de reconhecimento mútuo e exercício livre de suas identidades de gênero e orientações sexuais. A maior exploração das particularidades culturais dos bairros das Zonas Norte e Oeste – bastante associadas ao samba – poderia atrair a maior cooperação de empresários para formular projetos de desenvolvimento dessas regiões e oferecer melhor infraestrutura para a oferta de serviços voltados aos segmentos específicos do público LGBT (GÓIS, 2015, p. 12-5).

Nota

- 1 Além da Parada do Orgulho LGBT realizada em Copacabana, a segunda maior parada LGBT da cidade é realizada no bairro de Madureira, na Zona Norte da cidade. Entretanto, o evento vem tendo dificuldades crescentes na captação de patrocinadores e na garantia de apoio da prefeitura, que relaciona os cortes no apoio financeiro ao evento à necessidade de redução de gastos do governo municipal.

Referências

- ALMEIDA, Rodrigo de. Desenvolvimento e programas sociais dão nova cara à pobreza. *IG*, 2 dez. 2010. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/governolula/desenvolvimento-e-programas-sociais-da-nova-cara-a-pobreza/n1237825741152.html>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- ALVES, Chico. Rodas de samba se espalham pela Região Metropolitana do Rio. *O Dia*, 16 ago. 2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-08-16/rodas-de-samba-se-espalham-pela-regiao-metropolitana-do-rio.html>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- BARRETO, Rafael Chaves Vasconcelos. Geografia da diversidade: breve análise das territorialidades homossexuais no Rio de Janeiro. *Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero*, v. 1, n. 1, p. 14-20, jan./jul. 2010.
- BENNETT, Andrew. Case study methods: design, use, and comparative advantages. In: SPRINZ, D.F.; WOLINSKY-NAHMIA, Y. (Ed.) *Models, numbers, and cases: methods for studying International Relations*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004. p. 19-55.
- CARDOSO, Sílvia Oliveira; MACHADO, Heitor Leal. “A Galeria do Amor” cidade, corpo e emoções na música de Agnaldo Timóteo. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015. *Anais...* Rio de Janeiro: INTERCOM, 2015, p. 1-15.
- CARNIVAL SERVICE. *Rota LGBT no Carnaval Carioca, 2011?*. Disponível em: <<https://carnivalservice.com/carnaval-carioca/artigos/rota-lgbt-no-carnaval-carioca>>. Acesso em: 23 nov. 2011.
- CORRÊA, Gustavo Borges. *Carmens e drags: reflexões sobre os travestimentos transgêneros no Carnaval carioca*. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes (Cultura Popular)). Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Buraco da Lacreia: interação entre raça, classe e gênero. In: VELHO, Gilberto. (Org.) *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 128-155.
- ESCOFFIER, Jeffrey. The political economy of the closet: notes towards an economic history of gay and lesbian life before Stonewall. In: GLUCKMAN, Amy; REED, Betsy. *Homo Economics: Capitalism, Community, and Lesbian and Gay Life*. Nova York: Routledge, 1997. p. 123-134.
- FACINA, Adriana. “Não me bate doutor”: funk e criminalização da pobreza. In: V ENECULT, 2009, Salvador. *Anais...* Salvador: ENECULT, 2009. Não paginado.

- FAOUR, Rodrigo. *História Sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na canção brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. Processos espaciais e reconfiguração do lazer noturno na cidade do Rio de Janeiro. In: XIV Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2015, Salvador. *Anais...* Fortaleza: [s.n.], 8-12 set. 2015. p. 1-20.
- GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. Rio sem Miséria – Renda Melhor e Renda Melhor Jovem, 2016?. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seasdh/exibeconteudo?article-id=971921>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 1999.
- GRELLET, Fábio; MORATELLI, Valmir. Confirma o roteiro das quadras das principais escolas de samba do Rio. *IG*, 17 fev. 2011. Disponível em: <<http://carnaval.ig.com.br/rio/escolasdesamba/confirma-o-roteiro-das-quadras-das-principais-escolas-de-samba-do-rio/n1238011128469.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016.
- GUIA DA BOA. 2016. Disponível em: <<http://www.guiadaboa.com.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- GUIA GAY BRASIL. *O guia completo da paquera, azaração, pegação e sacanagem para gays, bi e curiosos*. 2016. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/guia-gay-brasil.html>>. Acesso em: 21 nov. 2016.
- HAE, Laam. Gentrification and Politicization of Nightlife in New York City. *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, v. 11, n. 3, p. 564-584, 2011.
- IPP. *Catálogo de Programas de Inclusão*. [2016?]. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp/programas-de-inclusao-da-prefeitura>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- JESUS, Diego Santos Vieira de Jesus. Só para o moço do corpo dourado do sol de Ipanema: distribuição espacial da economia noturna LGBT na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 19, n. 2, p. 288-309, 2017.
- LAURIANO, Carolina. Novo site informa agenda LGBT e recebe denúncias on-line no Rio. *G1*, 18 maio 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/05/novo-site-informa-agenda-lgbt-e-recebe-denuncias-line-no-rio.html>>. Acesso em: 27 maio 2016.
- LOVATT, Andy; O'CONNOR, Justin. Cities and the Nighttime Economy. *Planning Practice and Research*, v. 10, n. 2, p. 127-134, 1995.
- MARTINS, Felipe. Reduto gay no subúrbio do Rio tem funk, pegação e “churrasquinho de gato” por R\$ 5. *O Dia*, 29 jan. 2014. Disponível em: <<http://blogs.odia.ig.com.br/lgbt/2014/01/29/reduto-gay-no-suburbio-do-rio-tem-funk-pegacao-e-churrasquinho-de-gato-por-r-5/>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- NAPOLITANO, Marcos; WASSERMAN, Maria Clara. Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira. *Revista Brasileira de História*, v. 20, n. 39, p. 167-189, 2000.
- NUNAN, Adriana; JABLONSKI, Bernardo. Homossexualidade e Preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 54, n.1, p. 21-32, 2002.
- OBAOBA. Veja as melhores baladas e festas gays do Rio de Janeiro. 26 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.obaoba.com.br/brasil/magazine/veja-melhores-baladas-e-festas-gls-do-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- PEREIRA, Severino Joaquim Nunes; AYROSA, Eduardo André Teixeira. Between two worlds: an ethnographic study of gay consumer culture in Rio de Janeiro. *BAR*, v. 9, n. 2, p. 211-228, abr.-jun. 2012.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- RAGIN, Charles. *Constructing social research: the unity and diversity of method*. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1994. p.81-153.
- RIO GUIA GAY. 2015. Disponível em: <https://issuu.com/guiya-editora/docs/rio_guiya_editora_docs_rio_guiya_guide_-_2>. Acesso em: 20 jul. 2016.

RIO SEM HOMOFOBIA. *O programa*. [2016?]. Disponível em: <<http://www.riosemhomofobia.rj.gov.br/secao/sobre/o-programa>>. Acesso em: 28 maio 2016.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. Artes de Acontecer: viados e travestis na Cidade do Rio de Janeiro, do Século XIX a 1980. *Revista Esboços*, v. 23, n. 35, p. 90-116, set. 2016.

SANTOS, Leonardo Soares dos. Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX. *Mneme – Revista de Humanidades*, v. 12, n. 30, p. 257-280, jul./dez. 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA. Ensaios das escolas de samba. *Mapa de Cultura RJ*, [2016?]. Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/ensaio-na-quadra-das-escolas-de-samba>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TERTO JR., Veriano. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV / AIDS. *Horizontes Antropológicos*, Ano 8, n. 17, p. 147-158, jun. 2002.

TIRELLI, Christian. Consumo de entretenimento noturno por casais gays. *RPCA*, v. 5, n. 2, p. 79-94, maio/ago. 2011.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

* Recebido em: 04.06.2018. Aprovado em: 23.06.2018.

DIEGO SANTOS VIEIRA DE JESUS

Doutor em Relações Internacionais pela PUC-Rio. Docente no Programa de Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa da ESPM-Rio.